

FOLHA DE S. PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL
Publicado desde 1921 - Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER: Luís Fria
DIRETOR DE REDAÇÃO: Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES: Carlos Fone de Leon e Jadhá Brito
CONSELHO EDITORIAL: Fernando Diamant, Hélio Schwartsman, José Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Laiza Helena Trajano, Patrícia Blanco, Patrícia Campos Mello, Pessôa Arão, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luis Fria e Sérgio Dávila (secretário)
DIRETOR DE OPINIÃO: Gustavo Faria
DIRETORIA EXECUTIVA: Alexandre Bonazco (finanças, planejamento e novas negócios), Anderson Demian (mercado leitor e estratégias digitais), João Cestari (tecnologia) e Marcelo Rênez (comercial)

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Relações perigosas

Com Lewandowski no ministério, Lula aprofunda a aproximação com o STF, cuja imagem corre risco

Quando Ricardo Lewandowski se apresentou ao Supremo Tribunal Federal, Luiz Inácio Lula da Silva (PT) indicou seu advogado pessoal para o posto. Quando uma segunda vaga foi aberta, o indicado foi o aliado político Flávio Dino. Para o lugar de Dinó no Ministério da Justiça, o escolhido foi Lewandowski. Os movimentos escancararam, sem nenhuma preocupação com a sutileza, as expectativas de Lula em relação à atuação dos magistrados e da corte mais elevada do país. Trata-se de um jogo perigoso. Ao longo de 17 anos no STE, Lewandowski se notabilizou pela postura garantista e, particularmente, por votos e manifestações favoráveis ao líder petista e a nomes do partido. Assim foi no julgamento do mensalão, na Lava Jato e até no impeachment de Dilma Rousseff, quando contribuiu para que a ex-presidente não ficasse indelével.

Ainda que não lhe tenham faltado argumentos jurídicos para sustentar suas decisões, é inevitável que seu ingresso no governo aguçasse a percepção de reconhecimento da lealdade. Lula, ademais, reforça laços com o Supremo em seu terceiro mandato —viabilizado, aliás, por deliberações do tribunal que anularam suas condenações por corrupção. Eleito por margem mínima de votos e sem maioria confiável no Congresso que rumou a direita, o presidente e seu entorno recorrem com frequência inaudita ao

STF para o desembaraço de pautas de seu interesse. Foi uma medida de Lewandowski, por exemplo, que suspendeu normas moralizadoras da Lei das Escutas e permitiu nomeações políticas nas empresas federais. O plenário do tribunal, note-se, até hoje não examinou o tema.

Ali também se resolveu o imbróglio do pagamento dos precatórios deixados por Jair Bolsonaro (PL). Nesse caso, os magistrados ao menos não endossaram a pretensão garantista de mudar a classificação dessa despesa para maquiagem do déficit das contas públicas.

Lula tem em Alexandre de Moraes, ministro do STF e presidente do Tribunal Superior Eleitoral, um aliado-chave na ofensiva pela regulação da internet, que traz ameaças indistiguíveis à liberdade de expressão. Dino, na Justiça, declarou-se radicalmente à esquerda, o que não lhe impediu de

Tanta proximidade não se dá sem riscos —e o mais óbvio é para a credibilidade do Judiciário. Há mais, porém. Um Supremo ativista, que venha a tomar decisões controversas sobre temas da alçada do Legislativo, tende a provocar reações e atrair represálias do mundo político, como já vem acontecendo, e da sociedade. A corte, que teve méritos inegáveis na resistência aos ataques de Bolsonaro às instituições, cabe zelar por sua imagem e conduta. Eis aí uma preocupação de Lula.

Novo anormal

Mudança climática castiga agronegócio, reduz safra e exige planejamento público de adaptação

Há anos alerta-se que o agronegócio tem na mudança climática um calcanhar de Aquiles. Deve-se reforçar o alerta, pois as ameaças já deixam de vir só de mercados refratários ao desmatamento e passam a decorrer também, diretamente, da meteorologia conturbada.

A Folha noticiou que incertezas do clima estão por trás da redução de 11 milhões de toneladas nas previsões da próxima safra. A projeção anterior da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) indicava 117,5 milhões de toneladas, ora rebatida para 106,4 milhões.

Mato Grosso será o estado mais prejudicado. Chuvas irregulares deverão provocar queda de 11,4 milhões de toneladas na produção de grãos —de 21 milhões no ano passado para 89,6 milhões em 2024. Já o Rio Grande do Sul, o mais castigado nos últimos anos, pensará parte da quebra nacional com colheita 4% maior de milho, alta de 68% na soja e 18% na arroz.

Pode-se argumentar, com razão, que a agropecuária sempre esteve vulnerável às variações climáticas. O problema está no aumento da incerteza acarretada pelo aquecimento global, resultante da queima de combustíveis fósseis e das mudanças no uso da terra, que lançam carbono na atmosfera.

As maiores emissões brasileiras de gases do efeito estufa provêm do campo, com desflorestamento em primeiro lugar. Está em queda o desmatamento na Amazônia, cuja repressão internacional vinha criando restrições a commodities brasileiras, mas cresceu o cerrado; cedo ou tarde, tal decastação manchará a imagem do exportador.

A mudança climática fez de 2023 o ano mais torrido do registro histórico, turbinada pelo fenômeno El Niño. Esse aquecimento da superfície do oceano Pacífico provoca tempestades no Sul do Brasil e secas pronunciadas no Norte, o que por sua vez favorece queimadas. Florestas ressecadas cumprem com menos eficácia seu papel no ciclo hidrológico. A irregularidade das chuvas e sua falta nas épocas decisivas para a safra estão por trás das sucessivas revisões da Conab.

Os impactos não se limitam ao setor rural, acatam também áreas urbanas, como sabem premissas sem energia e transportes em meio a sucessivos temporais. É imperativo que governo e oposição pública enxerguem a conexão entre essas ocorrências e reajam a elas com um planejamento integrado para adaptar produções, infraestrutura e setor produtivo para o novo anormal.



Uma paz para acabar com a paz

Hélio Schwartsman

Para entender melhor o que acontece no Oriente Médio, é o Peace to End All Peace (uma paz para acabar com qualquer paz), de David Fromkin. Embora não exatamente nova, é uma obra de fôlego que mostra como surgiram os países que hoje constituem a região e como sua gênese contribuiu para a instabilidade atual. Fromkin começa sua investigação nos estertores do Império Otomano, passa a lupa sobre a 1ª Guerra Mundial e para em 1922, que é quando o mapa do Oriente Médio assume feições semelhantes às atuais. É um prato cheio para apreciadores do beltrismo histórico. "Grand Jeu", acor do Sykes-Picot, declaração Balfour e outros eventos, sobre os quais lemos hoje nos artigos mais eruditos sobre o imbróglio médio-oriental, são cuidadosamente discutidos. Embora não seja o objetivo central da obra, ela também lança luzes sobre a psicologia de figuras importantes como Lloyd George, Winston Churchill, Woodrow Wilson. Até as aventuras de Lawrence da Arábia têm o seu lugar.

Trump em busca de revanche

Bruno Boghossian

Donald Trump apareceu em dois tribunais na última semana. Na terça (9), o ex-presidente acompanhou advogados que argumentavam que ele deveria ter imunidade no caso em que é acusado de conspiração para reverter a eleição de 2020. Dois dias depois, participou da última audiência de uma ação por fraude fiscal. O republicano não era obrigado a comparecer à nenhuma das duas sessões. Trump escolheu estar lá porque transformou os processos em espetáculo central de sua campanha para voltar à Casa Branca. Em 2024, o ex-presidente tenta anabolir o personagem forjado há quase dez anos, quando se lançou na política como um forasteiro que representava uma ameaça à elite do país. Num terreno fértil para teorias conspiratórias, Trump tentava agitar o eleitorado com a ideia de que é perseguido por inimigos poderosos, que querem tirá-lo do jogo. Uma das expressões mais usadas pelo republicano nesta etapa da campanha é "caca às bruxas". Nos últimos dias, ele afirmou que estava sendo

O imperialismo tem muito a ver com a confusão atual. As potências vencedoras da 1ª Guerra dividiram os despojos do Império Otomano de acordo com seus interesses e as cambíveis correntes de força, sem tentar para elementos básicos da realidade local.

"A Peace", mostra que os problemas não se limitaram às desavenças entre potências. Também era frequente que diferentes departamentos de um mesmo governo se sabotassem. Os britânicos, por exemplo, davam mensagens generosas ao rei Hussein e a Ibn Saud, que as gastavam combatendo um ao outro. A promessa dos escalões centrais de Londres de apoiar a constituição de um "lar nacional" para os judeus era diariamente minada pelos militares britânicos no local.

Fromkin conclui lembrando que a Europa levou 1.500 anos para recuperar-se da queda de Roma. Então, é preciso dar mais tempo para que as coisas se assentem no Oriente Médio. Quem sabe daqui a 1.400 anos...

brunoboghossian.com

Retratos a gosto

Muniz Sodré

Professora emérita da UFRJ, autora entre outros, de "Pessoa Negra" e "Ficciones da Gênesis nas imagens"

É possível que "O Retrato de Dorian Gray", de Oscar Wilde, clássico genial da literatura inglesa, ajude na compreensão, entre nós, do intrigante fenômeno de enriquecimento da polarização social. Pesquisas de opinião revelam imobilidade de posições há um ano. O governo Lula republicano, mas seu retrato político tem fissuras.

No romance, Dorian, belo e ingenuo, corrompido pela costumes sociais sob forte influência do amigo Lord Henry Wotton, ganha um retrato com o atributo de envelhecer enquanto ele permanece jovem. A imagem pintada reflete aos poucos efeitos do seu comportamento em crimes, sua decadência moral.

A crítica implícita na obra vislumbra o esteticismo, os riscos da sedução pela vida exclusiva de beleza e prazeres. Hoje, um outro tipo de estetização da vida social se constrói por meio da rede eletrônica. Estética não se resume à teoria da contemplação artística, é também uma formatividade que molda percepções. Ampliada como forma social, dispõe realidades de outra maneira. O sociodispositivo estético é uma matriz que incide esteticamente sobre o espaço-tempo físico, reconfigurando hábitos e formas de vida.

É forte no romance de Wilde a influência de Lord Wotton sobre Dorian. Mas este não perde o livre arbítrio, faz escolhas conscientes. Poderoso é hoje o domínio da consciência pela tecnologia. Não se trata, como se pense na televisão, de moldagem de condutas por imagens, e sim de uma realidade paralela, feita de bits e pixels. Os efeitos não partem de dispositivo externo como a TV, mas de um campo técnico, matricial, que se autolocaliza. No autismo da rede, o indivíduo é um autor-retrato em construção.

Sabe-se que os maldosos americanos passaram a falar como gangster depois que se viram retratados em filmes. O cinema não os imitou, eles se autorretrataram pelo cinema. Solução funcional, a internet reverte a realidade, desde a mais primitiva, ensinando autismo gerador de litorais: velhos rejuvenescem com a magia digital, jovens extrapolam o real histórico. A rede é juvenil, rock'n'roll. Os principais conselheiros vivos do ex-queridinho Lula são um casal de recém-saídos da puberdade, naturais do ciberspazio.

O fenômeno é complexo, análogo ao do adolescente que estampa insatisfação, quer escapar do mundo. O autorretrato ciber-reconstrói, não aparência física, mas envolvimento moral, a pessoa ciber, ídolo, híbrido de gente e dígitos. Assim, remodela o horror que seja, pois não se trata de um retrato físico, mas de um retrato ciber.

A polarização calcificada pode ser um retrato muralístico da natureza, a disponibilidade bancas. Carmen Dolores não a, mas o cronista mais

ousado e bem pago do Brasil. Em sua coluna dominical na primeira página de O País, pregava que "as mulheres se educassem para não se sujeitarem ao avassalamento do marido", que não se curvassem às ordens dos padres e que o divórcio era a única maneira de, numa separação, a mulher preservar a guarda dos filhos e a possibilidade de reconstruir a vida —o que, então e por muito tempo ainda, continuava a ser negado.

Os livros nunca foram prioridade de Carmen Dolores, e não por falta de interessados. Seu único romance, "A Luta", que tem como vilãs as matronas mais cruéis da literatura brasileira, só saiu em 1981, um ano depois de sua morte, aos 58 anos. Foi editado por sua filha, a escritora Chrysanthème, ela própria de cabelinho nas ventas.

Depois disso, "A Luta" levou décadas a ser publicado, até ganhar uma edição comercial em 2021. Agora está na Coleção Folha Filosóficas da Letramus, a disponibilidade bancas. Carmen Dolores não a, mas o cronista mais

ousado e bem pago do Brasil. Em sua coluna dominical na primeira página de O País, pregava que "as mulheres se educassem para não se sujeitarem ao avassalamento do marido", que não se curvassem às ordens dos padres e que o divórcio era a única maneira de, numa separação, a mulher preservar a guarda dos filhos e a possibilidade de reconstruir a vida —o que, então e por muito tempo ainda, continuava a ser negado.

Os livros nunca foram prioridade de Carmen Dolores, e não por falta de interessados. Seu único romance, "A Luta", que tem como vilãs as matronas mais cruéis da literatura brasileira, só saiu em 1981, um ano depois de sua morte, aos 58 anos. Foi editado por sua filha, a escritora Chrysanthème, ela própria de cabelinho nas ventas.

Depois disso, "A Luta" levou décadas a ser publicado, até ganhar uma edição comercial em 2021. Agora está na Coleção Folha Filosóficas da Letramus, a disponibilidade bancas. Carmen Dolores não a, mas o cronista mais

ousado e bem pago do Brasil. Em sua coluna dominical na primeira página de O País, pregava que "as mulheres se educassem para não se sujeitarem ao avassalamento do marido", que não se curvassem às ordens dos padres e que o divórcio era a única maneira de, numa separação, a mulher preservar a guarda dos filhos e a possibilidade de reconstruir a vida —o que, então e por muito tempo ainda, continuava a ser negado.

Os livros nunca foram prioridade de Carmen Dolores, e não por falta de interessados. Seu único romance, "A Luta", que tem como vilãs as matronas mais cruéis da literatura brasileira, só saiu em 1981, um ano depois de sua morte, aos 58 anos. Foi editado por sua filha, a escritora Chrysanthème, ela própria de cabelinho nas ventas.

Depois disso, "A Luta" levou décadas a ser publicado, até ganhar uma edição comercial em 2021. Agora está na Coleção Folha Filosóficas da Letramus, a disponibilidade bancas. Carmen Dolores não a, mas o cronista mais